

CONCEIÇÃO EVARISTO: A RECONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE FRAGMENTADA EM *BECOS DA MEMÓRIA*

Pauline Champagnat¹

RESUMO: Este artigo pretende investigar como uma identidade – no caso a identidade afro-brasileira – que, por força dos acontecimentos históricos, foi fragmentada, pode buscar no recurso da literatura uma ferramenta para o resgate das suas “memórias subterrâneas”. O termo “diáspora”, apesar de polêmico neste caso, pode ser usado para definir a migração forçada sofrida pelos africanos que viriam a ser escravos no Brasil. Seus descendentes, na busca dos fragmentos identitários perdidos, podem achar um início de resposta no resgate das “memórias subterrâneas” (POLLAK, 1993), como nós veremos em primeiro lugar. Em segundo lugar, pensaremos mais profundamente sobre a importância da memória coletiva de um grupo marginalizado para a reconstrução da sua identidade. Para terminar, falaremos sobre a necessidade de reescrita da história a partir de um ponto de vista renovado em *Becos da Memória* (2017), de Conceição Evaristo.

PALAVRAS-CHAVE: Conceição Evaristo; *Becos da memória*; Memórias subterrâneas; Transculturalismo; Hibridismo; Diáspora.

CONCEIÇÃO EVARISTO: THE RECONSTRUCTION OF A FRAGMENTED IDENTITY IN *BECOS DA MEMÓRIA*

ABSTRACT: In this paper, we intend to seek in which way an identity – in this particular case the afro-Brazilian identity – which, as a result of the historical elements, has been fragmented, can recur to literature to recover its “underground memories”. The term “diaspora”, although polemical in this case, can be used to refer to the compelled migration suffered by the Africans who would later become slaves at their arrival to Brazil. Their descendants, whose approach is the quest of the lost identity fragments, can find the beginning of an answer in the recovery of these « underground memories » (POLLAK, 1993), as we will see firstly. Secondly, we will think in an in-depth way at the importance of the collective memory of a marginalized group for the construction of its identity. Lastly, we will evoke the necessity of the rewriting of the history from a new point of view in *Becos da Memória* (2017), from Conceição Evaristo.

KEYWORDS: Conceição Evaristo; *Becos da memória*; Underground memories; Transculturalism; Hybridism; Diaspora.

Para Conceição Evaristo, a revalorização da história afro-brasileira se faz graças à evocação de lembranças fundadoras e valorizantes para esta mesma comunidade, diferentes daquelas geralmente evocadas no quadro da História oficial. A análise desses dois aspectos nos permite perceber a importância da recuperação desse passado mítico

¹ Doutoranda na Universidade de Rennes 2 (França); e-mail para contato: pauline.champagnat@hotmail.fr

para uma comunidade que sofreu com a desvalorização cultural e como ele pode servir de compensação por uma discriminação vivida no presente.

Em *Becos da memória* (2017), uma menina, Maria-Nova, que está crescendo numa favela, toma consciência das desigualdades às quais os habitantes são submetidos. O relato dos anciões lhe permite se dar conta que essas desigualdades têm uma origem antiga: o período escravagista. A expulsão dos favelados para outra favela sublinha a marginalidade na qual estão vivendo, e como é difícil, senão impossível, tentar lutar contra um poder hegemônico.

Mircea Eliade explica que a realidade cultural do mito é bastante complexa, por isso, podemos abordá-lo a partir de perspectivas múltiplas e complementares (ELIADE, 1963, p. 16). No romance, as personagens não têm um acesso direto aos mitos de origem africana, sendo descendentes dos escravizados trazidos à força para o Brasil, aqueles que Edouard Glissant qualificou de “migrantes nus”. Essa nudez é simbólica e faz referência a uma ruptura na cadeia da transmissão cultural de uma geração para a outra ocasionada pelo tráfico negreiro. Além disso, a ruptura trazida pela condição de escravo tornou a conservação dessas culturas compósitas mais difícil. Em vez de romper com o sentimento de pertença ao continente africano, conservou-se a imagem de uma África mítica e idealizada. Esta imagem aproxima-se de uma visão essencialista da identidade cultural e forneceu elementos para a recriação de uma identidade africana que seria tipicamente brasileira, a identidade afro-brasileira.

Assim, em *Becos da memória*, a jovem narradora mantém uma relação com a África a partir de fragmentos e imagens que não são mais muito nítidas, pois foram apagadas com o tempo. Pode ser um instrumento utilizado pelo seu avô durante um ritual afro-brasileiro, ou histórias contadas de uma geração para a outra. A reconstrução identitária se torna mais complexa, sendo que se trata do ressurgimento de lembranças que pertencem à memória coletiva de uma comunidade silenciada e que, de maneira sistemática, sai vencida nas dinâmicas de poder presentes na sociedade brasileira.

Para entender melhor a função e o interesse do ressurgimento dos mitos de origem ou de lembranças fundadoras tão antigos e o seu valor para suas comunidades no presente, convém analisar o conceito de “memórias subterrâneas” assim como o entende Michael Pollak (1993). Antes de começar, devemos lembrar o quanto essas memórias coletivas não são cristalizadas, elas operam uma mudança constante. Essas memórias coletivas são feitas de uma infinidade de contradições e tensões: “assim como as memórias coletivas e a ordem social que elas contribuem a constituir, a memória individual resulta da gestão de um equilíbrio precário, de uma multitude de contradições e tensões” (POLLAK, 1993, p.38)². Assim, para entender melhor as memórias subterrâneas que ressurgem na contemporaneidade a partir do retorno de uma memória mítica,

² Tradução nossa: “Tout comme les mémoires collectives et l’ordre social qu’elles contribuent à constituer, la mémoire individuelle résulte de la gestion d’un équilibre précaire, d’une multitude de contradictions et de tensions.” (POLLAK, 1993, p. 38)

veremos, num primeiro tempo, o conceito das memórias subterrâneas e como ele pode ser aplicado para a análise da obra.

Memórias subterrâneas

Para tratar das memórias subterrâneas, devemos primeiramente identificar o grupo social ao qual pertencem essas memórias em questão. Para falar do conceito de memória cultural como Michael Pollak o entende, fala-se em memórias que pertencem a minorias que foram marginalizados numa sociedade que exerce uma hegemonia sobre elas. Assim sendo, a História oficial deve ser analisada, pois só é contada através da história dos vencedores, e nunca dos vencidos (BENJAMIN, 2013). A reescrita da História oficial a partir do grupo historicamente considerado como vencido faz-se então essencial para a sua reconstrução identitária. É importante ressaltar que uma minoria não significa necessariamente um grupo menor em termos numéricos, mas sim em termos de poder de ação e de decisão no seio da sociedade. Por exemplo, nós fazemos referência aos afro-brasileiros como sendo uma minoria, embora constituam mais de metade da população brasileira. Assim, o termo minoria serve então para sublinhar a menorização do grupo social:

Me parece aliás, ao reler as contribuições anteriores, que não é tanto o “número reduzido” dos seus membros que faz a “minoria”, mas precisamente essa privação do poder, essa privação da potência, que de alguma forma lhe impõe o silêncio. E quando falo sobre silêncio, falo naturalmente do silêncio dos historiadores, mas não somente. Aliás, não falo somente sobre silêncio, mas também sobre desprezo. E, de uma forma mais geral, engano. Pois, privada de poder, de potência, a “minoria” é muitas vezes e talvez em primeiro lugar esse “número reduzido” sobre o qual nos equivocamos, e que, ainda mais frequentemente, desprezamos. (ATTIAS, 2008, p. 282)³

É neste contexto que as memórias subterrâneas surgem, pois são a ferramenta da reapropriação da sua identidade e da sua história pelo grupo minorizado. O silenciamento sistemático da sua história provoca esse desejo de reapropriação da História oficial, para trazer uma perspectiva renovada. A ausência da escrita na

³ Tradução nossa: “Il me semble d’ailleurs, à bien lire les contributions qui précèdent, que ce n’est pas tant le ‘petit nombre’ de ses membres qui fait la ‘minorité’, mais précisément cette privation du pouvoir, cette privation de la puissance, qui lui impose en quelque sorte silence. Et quand je parle de silence, je parle naturellement du silence des historiens, mais pas seulement. Je ne parle d’ailleurs pas simplement de silence, mais aussi de mépris. Et plus largement de méprise. Car dépourvue de pouvoir, privée de puissance, la ‘minorité’ est souvent et peut-être d’abord ce ‘petit nombre’ sur lequel on se méprend, et que plus souvent encore l’on méprise.” (ATTIAS, 2008, p. 282)

comunidade minorizada fez com que seus membros, assim como a sua cultura, fossem sistematicamente concebidos a partir da ideia da falta, que se origina, na verdade, de uma marginalização.

Por muito tempo, a escrita foi associada aos grupos que exerciam certa dominação sobre os grupos minorizados, e torna-se a ferramenta hegemônica por excelência, para poder silenciar a versão da história contada pelas minorias. Michael Pollak elaborou o conceito de “memórias subterrâneas” baseando-se nas suas entrevistas com judeus que sobreviveram aos campos de concentração. O extermínio maciço dos judeus durante o período nazista fez com que somente vestígios de memórias ficassem para as próximas gerações. Aqui, quando nós falamos sobre vestígios de memórias deixadas para as gerações futuras pelos escravos africanos trazidos à força ao Brasil, a teoria de Pollak se encaixa perfeitamente a essa realidade, mesmo que nascida em contexto diferente. Existe um denominador comum: a tentativa de apagamento da memória cultural do povo oprimido por uma cultura hegemônica. Para falar sobre esses vestígios memoriais que sobrevivem apesar do tempo e das sucessivas tentativas de apagamento, Bernd (2017) evoca o conceito de “vestígios memoriais”, que nos parece particularmente adequado para explicar o nosso raciocínio:

Entre memória e esquecimento, o que sobra são os vestígios, os fragmentos do vivido, o qual jamais pode ser recuperado na sua integralidade. De onde a preocupação dos regimes totalitários em “apagar os rastros” para que seus atos arbitrários não possam ser lembrados. Mas sempre sobra algum rastro que a sensibilidade dos escritores consegue retrair e incorporar à matéria poética. Desse modo, se nossa memória é um receptáculo de resíduos, a literatura também o é, constituindo-se de intrincadas redes intertextuais que contêm vestígios, fragmentos de leituras feitas ao longo da vida e que emergem em textos da contemporaneidade. Os textos literários nos ensinam que as reminiscências se recompõem através dos vestígios, sendo que os espaços lacunares são completados com a invenção, o empréstimo e a imaginação já que o vivido é limitado no tempo, enquanto o acontecimento lembrado é sem limites, para retomarmos uma vez mais os ensinamentos incontornáveis de W. Benjamin para os estudos da memória e dos rastros. (BERND, 2017, p. 381)

Essas memórias condenadas ao silêncio podem ressurgir através da literatura, como nós podemos perceber na obra de Conceição Evaristo:

As memórias subterrâneas, ao emergirem em espaços delineados pelo poder da escrita, rasuram a cena dos grandes feitos e permitem a composição de outras histórias nascidas, como acentua Pollak (1989), da experiência da periferia e da marginalidade. O movimento que caracteriza o afloramento das memórias confinadas ao silêncio instiga a escuta das vozes que emanam do corpo dos espoliados, dos indivíduos acossados pela dor da pobreza extrema. (EVARISTO, 2017, p. 191-192)

O papel da literatura nesse processo é de permitir às memórias subterrâneas de emergir à superfície da sociedade, e de abrir toda uma série de questionamentos sobre o seu silenciamento sistemático há décadas ou séculos que precederam essa redescoberta. Algumas memórias, silenciadas de propósito pela História oficial servem para impor um ponto de vista hegemônico sobre o passado. No entanto, nós vimos que, em alguns casos, algumas memórias que as grandes estruturas de poder tinham tentado apagar ao longo da história conseguem se manter, pois são transmitidas em estruturas de comunicação informal:

As memórias proibidas (no caso dos crimes estalinistas, por exemplo), indizíveis (no caso dos deportados), ou vergonhosas (no caso dos incorporados à força) são transmitidas em estruturas de comunicação informais ou associativas, permanecendo despercebidas da sociedade circundante. Mais uma vez, as memórias se modificam, em função daquilo que é dito no presente, em reação ao que se diz ao seu redor; em função das condições materiais de transmissão (suporte oral ou escrito, institucional ou clandestino), e, a mais longo prazo, relações mantidas entre as gerações. Essas diversas memórias se transmitem e se constroem muitas vezes independentemente umas das outras, umas contra as outras, mas existem também pontos de encontro, conjunturas favoráveis à confrontação pública. (POLLAK, 1993, p.27)⁴

Quando Michael Pollak usa a expressão “memórias proibidas”, pensamos na oralidade que permitiu transmitir memórias de uma geração para a outra. Nesse caso, o grupo minorizado tenta guardar preciosamente todas essas memórias proibidas, para poder fazê-las sobreviver ao passar do tempo. Assim, se as memórias coletivas contribuem para constituir uma ordem social, a memória individual é feita de um equilíbrio precário, construído a partir de uma multitude de contradições e tensões (POLLAK, 1993, p. 38).

Memória coletiva

Para refletir sobre a questão da emergência das memórias subterrâneas em *Becos da Memória*, precisamos repensar dois aspectos específicos: a representação da

⁴ Tradução nossa: “Les souvenirs interdits (le cas des crimes staliniens, par exemple), indicibles (le cas des déportés) ou honteux (le cas des incorporés de force) sont transmis dans des structures de communications informelles ou associatives tout en restant inaperçus de la société environnante. Là encore, les souvenirs se modifient, en fonction de ce qui se dit au présent, en réaction à ce qui se dit autour de soi ; en fonction des conditions matérielles de transmission (support oral ou écrit, institutionnel ou clandestin) et, à plus long terme, des rapports entretenus entre générations. Ces différentes mémoires se transmettent et se construisent souvent indépendamment les unes des autres, les unes contre les autres, mais il y a aussi des points de rencontre, des conjonctures favorables à la confrontation publique.” (POLLAK, 1993, p.27)

memória coletiva como cimento da cultura afro-brasileira, e a reescrita da História a partir do ponto de vista da narradora, Maria-Nova. Isso nos permitirá perceber o quanto as questões memoriais estão ligadas à representação social de um grupo colocado em situação de inferiorização no seio de uma sociedade hegemônica.

No romance, o leitor se depara nas primeiras páginas com uma obra que não é escrita somente na primeira pessoa. Apesar de haver uma única narradora, várias vozes vêm se entrelaçar dentro da estrutura narrativa, à medida em que o romance avança. Suas intervenções são constantes. As memórias pessoais dialogam constantemente com a memória coletiva, para que surja sua própria verdade. Como explica Palmero (2017) quando se refere à obra de Conceição Evaristo, é por isso que a memória e a história estão simultaneamente ligadas, pois a narrativa é atravessada por episódios históricos significativos para os afro-brasileiros:

Neste caso, a memória não é só individual, mas comunitária; isto é, os personagens tentam chegar ao conhecimento pessoal da verdade através da interpretação das memórias individuais, geralmente colocadas em diálogo com as memórias dos outros membros da comunidade. O passado torna-se história através da narração. Memória e história estão intimamente ligadas, são recíprocas e intercambiáveis, não existem isoladas umas de outras. Sendo assim, não se chega a uma verdade absoluta, mas ao reconhecimento de múltiplas verdades que não permitem que a história seja entendida como um passado completo, fechado, mas como uma busca contínua, que faz da memória uma rede de lembranças fragmentadas, incompletas e porosas. (PALMERO, 2017, p. 124)

As memórias coletivas evocadas por Maria-Nova, tais quais lhe foram contadas pelos membros da sua comunidade, divergem das geralmente evocadas na História oficial, e particularmente às ligadas à escravidão. A autora procura lembrar o quanto as opressões vividas no passado estão ligadas à marginalização desta mesma minoria no presente:

Quando tio Totó se entendeu por gente, ele já estava em Tombos de Carangola. Sabia que não nascera ali, como também ali não nasceram seus pais. Estavam todos na labuta da roça, da capina. Sabia que seus pais eram escravos e que ele já nascera na “Lei do Ventre Livre”. Que diferença fazia? Seus pais não escolheram aquela vida, nem ele. (EVARISTO, 2017, p. 18)

Essas fissuras entre as narrativas oficiais e as trazidas pela voz da narradora podem facilmente ser associadas à própria voz autoral. Sua obra é frequentemente associada à autoficção, além de questões de representatividade da comunidade afro-brasileira. Duarte (2006), mais apropriadamente, qualificou sua obra de *Bildungsroman* afro-brasileiro:

A narrativa configura-se como um *Bildungsroman* feminino e negro ao dramatizar a busca quase intemporal da protagonista, a fim de recuperar e reconstituir família, memória, identidade. No entanto, o ímpeto antropofágico se faz presente na postura de rasurar o modelo europeu para conformá-lo às peculiaridades da matéria representada. (DUARTE, 2006, p. 3)

No decorrer dos séculos, várias manifestações culturais vindas da África foram proibidas. No entanto, apesar da interdição, algumas dessas manifestações conseguiram sobreviver, geralmente através da oralidade como modo de transmissão cultural. Assim, essa discrepância entre as memórias coletivas impostas à força pela História oficial entra em contradição com as histórias contadas oralmente no seio da comunidade. Isso cria o que Soares (2017) qualifica de “tensão dialética”:

A tensão dialética entre a concepção de Halbwachs, com a memória coletiva que chega a se tornar nacional, e a concepção de Pollak, que contempla uma negligência com um patrimônio cultural marginalizado, começou a fornecer subsídios para os métodos da história oral. Geralmente, o acervo cultural de povos negligenciados não foi codificado por escrito, tendo sobrevivido na oralidade, e por meio de tradições festivas, com cantos, danças e performances variadas. É o exemplo emblemático de tradições afro-brasileiras que atravessaram os séculos, confinadas nas senzalas, morros e favelas, tendo como suporte significativo apenas as trocas indiciais permitidas pelos contactos orais. Candomblés, afoxés e a capoeira são algumas manifestações culturais proibidas de serem praticadas e perseguidas pela polícia até os meados do século XX. Dessa forma, percebe-se que a história oral, utilizando como fonte a memória de um testemunho para a compreensão de uma sociedade, tem contribuído para alojar bens culturais marginalizados no plano hegemônico da cultura coletiva nacional. (SOARES, 2017, p. 292)

Essas memórias subterrâneas, que sobreviveram graças à oralidade, são necessariamente imateriais. Como o assinala Soares (2017), elas não existem em suportes escritos, fílmicos ou monumentais. É por isso que a mera evocação das memórias subterrâneas do grupo marginalizado comporta uma forma de resistência contra o pensamento hegemônico da sociedade dominante. É essa percepção que Conceição Evaristo parece ter quando ela escreve sobre as memórias da comunidade afro-brasileira. Graças à literatura, essas memórias orais adquirem um suporte escrito, o que lhes confere uma continuidade no tempo e, logo, uma nova forma de credibilidade, pois, como Hampate-Bâ (1977) o lembra, as civilizações sem escrita são muitas vezes consideradas sem história. Assim, nós teríamos tendência a desprestigiar grupos sociais que não usam a escrita:

De todas as evidências, as memórias subterrâneas, com sua qualificação marginal, correspondem a versões sobre o passado e o presente de grupos dominados de uma dada sociedade. Estas memórias geralmente não estão monumentalizadas, e nem gravadas em suportes significativos representativos como textos, vídeos e filmes. Elas só são utilizadas quando conflitos sociais as evocam ou quando pesquisadores, utilizando a história oral, criam condições para que elas se tornem conhecidas e possam assim serem registradas em suportes significativos concretos. Hoje, no Brasil, rememorar é resistir, e a busca de memórias marginais é concebida como mecanismo de conhecimento da história da sociedade que passou por várias experiências traumáticas (assim chamadas em virtude da reiterada violação aos direitos humanos). Esta busca acentua o resgate da memória dos fatos referentes às trajetórias daqueles que foram perseguidos e/ou mortos por regimes autoritários vigentes, ao longo dos séculos, desde a colonização, que, geralmente, se dão por testemunhos atravessados de recordações-referências. Com uma certa distância, esses testemunhos oriundos de lembranças orais, transmitidos de geração a geração, passam a constituir matéria significativa da arte escrita e audiovisual. (SOARES, 2017, p. 298)

O autoconhecimento passa pelo conhecimento do eu-coletivo e de suas memórias. Ao longo do romance, torna-se evidente que Maria-Nova nutre-se das histórias do passado contadas pelos anciões para seu desenvolvimento pessoal. Apesar da tristeza presente nas histórias contadas, a dor que continua intensa se torna uma ferramenta que vai lhe permitir ter vontade de ultrapassar as fronteiras da sua favela, ocupando um espaço muitas vezes interdito aos seus habitantes: a escola.

A personagem principal, Maria-Nova, assume a voz da narração. Ela lança um olhar retrospectivo sobre seu passado, quando já se encontra na idade adulta. Assim, as gerações parecem se entrelaçar e se confundir na narrativa. Por isso, várias vezes a narradora dá a voz para idosos, detentores da memória coletiva da favela, especialmente Tio Totó e Maria-Velha. Essas irrupções espontâneas na narrativa permitem um relato direto dos tempos da escravidão seguidos dos da construção da favela. Aqui, a ligação entre passado e presente é garantida pela coabitação intergeracional. Existe também uma continuidade demonstrada pela pouca melhoria das condições de vida dos afro-brasileiros desde o fim da escravidão:

Maria-Velha vinha, sentava ao lado dele a puxar assunto. O velho raramente respondia e, quando fazia, ia fundo até lá na infância, cutucando, remexendo, buscando as pedras pontiagudas, sangrando tudo. Quantas vezes ele e ela haviam trocado as pedras dolorosas daquela coleção de sofrimentos, tendo Maria-Nova como ouvinte. Era tudo muito doloroso. Muitas vezes contavam casos com o embargo do choro na garganta, mas resistiam. Agora, era pior. Tudo estava mais dolorido e presente. As dores que pensavam ter ficado para trás, estavam ali, vivas,

porejando na pele dos dois como bagos de sangue. (EVARISTO, 2017, p. 149)

Para se construir, Maria-Nova se nutre dos relatos dos mais velhos. Graças a esses relatos, ela encontra fragmentos da sua ancestralidade, representados pela imagem de uma África mítica. Esses fragmentos são o que restou de uma identidade apagada ao longo dos séculos. A cerimônia da congada por exemplo, demonstra, através da continuidade do coroamento do rei do Congo no Brasil, uma tentativa de manter viva uma cultura, apesar das rupturas causadas pelo tráfico negreiro. Alguns aspectos, como o tambor, muito representativo da música afro-brasileira, lhe permite se reconectar com sua identidade africana. A imagem das raízes nos lembra o arrancamento cultural vivido pelos “migrantes nus” mencionados por Glissant, enquanto a evocação de um “recôndito eu” lembra a necessidade pelos escravos de praticar suas culturas, línguas e religiões de maneira oculta durante o período colonial. Além disso, trata-se de uma referência ao que Maria-Nova considera de mais íntimo em si mesmo, aquilo que constituiria a “essência” da sua pessoa. Mais uma vez, essa continuidade da memória coletiva é assegurada pelos mais velhos, transmitindo sua cultura para as jovens gerações:

Nesse dia, tarde de noite, quando ela já estava quase dormindo, escutou longínquos sons da caixa de congada de Tio Totó. Ele ficara lá, era um dos últimos, vinha tocando a caixa pelo caminho. Ela apurou os ouvidos. O batuque vinha de fora e de dentro dela. Vinha de suas raízes, vinha do seu recôndito eu. (EVARISTO, 2017, p. 175)

A preservação dessa memória coletiva é o que vai permitir a reescrita da História oficial. Existe a ideia de que somente depois que um dos membros da comunidade minorizada por uma sociedade hegemônica se apropriará de um dos elementos-chave dessa relação de poder – a escrita –, essa reescrita da história se tornará possível.

A reescrita da História

A narrativa fragmentada do romance faz eco com a dispersão cultural herdada da época escravista. Desta maneira, conserva-se histórias ameaçadas pelo esquecimento. Mesmo que Maria-Pequena seja a narradora principal e assumo o fio condutor da narrativa, cada história de cada habitante possui uma importância igual. Formam o tecido narrativo do romance:

A fragmentação do relato compõe, de certa forma, uma estética em rede, acentuada pelos elos que vão se formando à revelia de uma linha mestra, tal como os barracos que nascem procurando ocupar os parques espaços ainda não habitados. Não é o plano, a planta-baixa que define o processo narrativo privilegiado. É a necessidade de resgatar as histórias que as

lembranças vão recompondo, muitas vezes associando pedaços de umas ao que sobra de outras. (EVARISTO, 2017, p. 196)

Muitas vezes, uma história leva a outra, de maneira sinuosa, à imagem das vielas sinuosas da favela. É também o que aconteceu para a criação do romance, cujo elemento desencadeador teria sido uma simples frase pronunciada pela sua mãe, evocando a favela na qual moravam na altura. Apesar de simples e concisa, essa frase desencadeou uma série de memórias enterradas e que ressurgiram a partir desse ponto de partida. A protagonista, Maria-Nova, assume a voz da narração. Fazemos também uma associação entre a biografia da autora e da protagonista, o que poderia aproximar o romance do registro da autoficção, pois a autora nasceu numa favela de Belo Horizonte em 1946. Ela e os outros habitantes da favela onde morava foram removidos, pois uma avenida principal foi prolongada. Além disso, não podemos deixar de perceber a aproximação entre a própria autora e a personagem Maria-Nova, especialmente no que diz respeito à escola e ao gosto de ouvir histórias contadas pelos mais velhos. Mesmo assim, não se trata aqui de um romance autobiográfico sobre esse momento da infância da autora. Mesmo que a narrativa tenha sido construída a partir de uma memória pessoal, a autora se permite invocar a liberdade da criação artística. Alguns fatos reais foram fantasiados, transformados ou adaptados conforme o rumo que a autora queria dar ao romance. Por isso, afirma que tudo é simultaneamente falso e verdadeiro no romance, o que define bem o processo de criação literária no qual a autora quer se inscrever. A brecha permitida pelo espaço entre fato real e narração lhe permitiria exprimir sua imaginação:

Também já afirmei que invento sim e sem o menor pudor. As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção. Nesse sentido venho afirmando: nada que está narrado em *Becos da memória* é verdade, nada que está narrado em *Becos da memória* é mentira. Ali busquei escrever a ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade. Na base, no fundamento da narrativa de *Becos* está uma vivência, que foi minha e dos meus. Escrever *Becos* foi perseguir uma *escrevivência*. (EVARISTO, 2017, p.11)

O termo “escrevivência” inventado por Conceição Evaristo para definir sua obra dá conta da importância do vivido para a criação literária. Esses dois termos quase que se oporiam, pois o primeiro se refere à escrita, enquanto o segundo evocaria mais a transmissão de histórias através da oralidade. Essas memórias orais contradizem a “memória oficial” e dão uma voz às minorias. Como Conceição Evaristo o lembra, não havia muitos livros na sua casa, mas havia muitas histórias. A oralidade parece então ter desempenhado um papel decisivo na sua formação enquanto escritora, mas também como pessoa. A necessidade de transcrever essas vozes poderia corresponder a um desejo de lhes conferir uma legitimidade e um reconhecimento da parte das tradicionais instituições hegemônicas de poder:

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos enjeitados e das minorias, a história oral fez transparecer a importância de memórias subterrâneas que, parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “memória oficial”, no caso à memória nacional. Em primeiro lugar, essa abordagem faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica, e reabilita a periferia e a marginalidade. Ao contrário de Maurice Halbwachs, ela acentua o caráter destruidor, unificador e opressor da memória coletiva nacional. Por outro lado, essas memórias subterrâneas que dão prosseguimento ao seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase despercebida surgem em momentos de crise e de súbitos sobressaltos exacerbados. A memória torna-se desafio. Os objetos de procura são escolhidos de preferência onde há conflito e competição entre memórias concorrentes. (POLLAK, 1993, p.18)⁵

Por isso, não é de se admirar que, no romance, as figuras importantes para a construção de Maria-Nova sejam contadores de histórias. Nos seus relatos, ela busca os referentes culturais que lhe fazem falta, as ferramentas necessárias à compreensão do mundo no qual ela evolui. É também dessa maneira que a ideia de contar essas histórias dos habitantes da favela para um público mais amplo algum dia começa a emergir:

As tardes na favela costumavam ser amenas. Da janela de seu quarto caiado de branco, Maria-Nova contemplava o pôr do sol. Era muito bonito. Tudo tomava um tom avermelhado. A montanha lá longe, o mundo, a favela, os barracos. Um sentimento estranho agitava o peito de Maria-Nova. Um dia, não se sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali. Contar as histórias dela e dos outros. Por isso ela ouvia tudo tão atentamente. Não perdia nada. Duas coisas ela gostava de colecionar: selos e as histórias que ouvia. (EVARISTO, 2017, p. 32)

Além disso, trata-se de entrar em contradição com a versão da História oficial, contá-la a partir de um outro ponto de vista, o dos excluídos da sociedade. Assim, Tio Tatão se refere à guerra do Paraguai (1864), época na qual a escravidão ainda não tinha sido abolida no Brasil e durante a qual necessitava-se de mais homens para combater. Dois fatores que, em outras circunstâncias o impediam de achar trabalho – ser baixinho e analfabeto – não parecem ter mais importância quando se trata de servir a nação.

⁵ Tradução nossa: “En privilégiant l’analyse des exclus, des laissés-pour-compte et des minorités, l’histoire orale a fait apparaître l’importance de mémoires souterraines qui, partie intégrante des cultures minoritaires et dominées, s’opposent à la “mémoire officielle”, en l’occurrence la mémoire nationale. Dans un premier temps, cette approche fait de l’empathie avec les groupes dominés étudiés une règle méthodologique⁵ et réhabilite la périphérie et la marginalité. Contrairement à Maurice Halbwachs, elle met l’accent sur le caractère destructeur, uniformisant et opprimant de la mémoire collective nationale. Par ailleurs, ces mémoires souterraines qui poursuivent leur travail de subversion dans le silence et de façon presque inaperçue affleurent à des moments de crise en de brusques sursauts exacerbés⁵. La mémoire devient enjeu. Les objets de recherche sont choisis de préférence là où il y a conflit et compétition entre mémoires concurrentes.” (POLLAK, 1993, p. 18)

Sublinha-se o fato de que, excepcionalmente, e de maneira temporária, todos eram bem-vindos no seio da pátria brasileira. Aqui, trata-se do relato de um membro do grupo social marginalizado tendo plena consciência dessa menorização deliberada efetuada pela nação brasileira:

Quando se alistou, não era alfabetizado ainda. Havia outras questões, uma delas era o fato de ele ser de baixa estatura. Mas todos eram bem-vindos naquele momento: negros, índios, cafuzos, sararás... Não se excluía ninguém. Naquelas circunstâncias a pátria era de todos. Tio Tatão ainda narrava a história de uma outra guerra. Aquela em que muitos escravos participaram da peleja. Foram com a promessa de que, quando voltassem, ganhariam a liberdade. Guerrear foram, havia a promessa de alforria. Muitos negros morreram na época e os que voltaram puderam perceber que a conquista da liberdade pedia não somente a guerra de que eles haviam participado, mas uma luta muito particular, a deles contra a escravidão. (EVARISTO, 2017, p. 56)

A voz de Tio Tatão lhe permite tomar consciência, no decorrer da história, da marginalização do grupo social ao qual ela pertence. É também ele que vai lhe sugerir a ideia de ligação entre o passado escravagista e a opressão presente vivida pelos afro-brasileiros. Apesar de usar um tom bastante pessimista, ele lhe conta todas as suas histórias tendo consciência que a futura geração, se conseguir se apropriar dos códigos do sistema hegemônico e da elite, poderá possivelmente tentar começar a reverter a ordem social injusta imposta há séculos:

Menina, o mundo, a vida, tudo está aí! Nossa gente não tem conseguido quase nada. Todos aqueles que morreram sem se realizar, todos os negros escravizados de ontem, os supostamente livres de hoje, se libertam na vida de cada um de nós, que consegue viver, que consegue se realizar. A sua vida, menina, não pode ser só sua. Muitos vão se libertar, vão se realizar por meio de você. Os gemidos estão sempre presentes. É preciso ter os ouvidos, os olhos e o coração abertos. (EVARISTO, 2017, p. 111)

Em vários trechos do romance, é claramente mostrado que a conquista de um espaço antigamente confiscado aos afro-brasileiros se realizará pela escola. No entanto, é também na escola que são evocados grandes episódios da História oficial tratando da comunidade afro-brasileira – geralmente relacionados à escravidão – nos quais Maria-Nova não reconhece as histórias que lhe foram contadas pelos anciões. O fato dela permanecer silenciosa durante a aula sobre a escravidão nos evoca um excesso de histórias presentes no seu espírito, associado a um bloqueio, uma impossibilidade de se exprimir, provavelmente, dado o lugar no qual se encontra. Apesar de muito jovem, Maria-Nova demonstra uma consciência do fato de que sua professora provavelmente não estaria disposta a ouvir sua própria versão sobre a história da escravidão no Brasil, sem por isso entender nitidamente os motivos:

Na semana anterior, a matéria estudada em História fora a “Libertação dos Escravos”. Maria-Nova escutou as palavras da professora e leu o texto do livro. A professora já estava acostumada com as perguntas e com as constatações da menina. Esperou. Ela permaneceu quieta e arredia. A mestra perguntou-lhe qual era o motivo de tamanho alheamento naquele dia. Maria-Nova levantou-se dizendo que, sobre escravos e libertação, ela teria para contar muitas vidas. Que tomaria a aula toda e não sabia se era bem isso que a professora queria. Tinha para contar sobre uma senzala de que, hoje, seus moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida. A professora pediu que ela explicasse melhor, que contasse em mais detalhes. Maria-Nova fitou a professora, fitou seus colegas: havia tantos, aliás, alguns eram até amigos. Fitou a única colega negra da sala e lá estava a Maria Esmeralda entregue à apatia. Tentou falar. Eram muitas as histórias, nascidas de uma outra História que trazia vários fatos encadeados, consequentes, apesar de muitas vezes distantes no tempo e no espaço. Pensou em Tio Totó. Isto era o que a professora chamava de homem livre? (EVARISTO, 2017, p. 150)

Esse trecho evidencia também, através da figura de Maria Esmeralda, a impossibilidade de se identificar ou de falar sobre a história da escravidão. Essa personagem, votada ao silêncio, não desvenda em momento algum seus sentimentos e sua análise da situação passada comparada com a atual situação dos afro-brasileiros, como o faz Maria-Nova. Seu silêncio é envergonhado, constrangido ou simplesmente apático como o sugere a narradora. Como o explica Pollak (1993), o silêncio nem sempre provém de um Estado dominador, pode também vir da interiorização de sentimentos negativos colaterais à discriminação:

Apesar de muitas vezes ligados a fenômenos de dominação, a clivagem entre memória oficial e dominante e memórias subterrâneas, assim como a significação do silêncio sobre o passado, não remete necessariamente à oposição entre Estado dominador e sociedade civil. Os silêncios conjunturais não são somente o resultado de interdições vindas de cima, podem ser também a consequência de uma interiorização de sentimentos de inferioridade, vergonha, da antecipação de discriminações. (POLLAK, 1993, p. 22)⁶

A restauração dessas memórias coletivas não é vivida da mesma maneira por todos os membros da comunidade, alguns vendo nela a história das injustiças

⁶ Tradução nossa : “Quoique la plupart du temps liés à des phénomènes de domination, le clivage entre mémoire officielle et dominante et mémoires souterraines, ainsi que la signification du silence sur le passé, en renvoie pas forcément à l’opposition entre Etat dominateur et société civile. Les silences conjoncturels ne sont pas seulement l’effet d’interdits venant d’en haut, ils peuvent être la conséquence d’une intériorisation de sentiments d’infériorité, de honte, de l’anticipation de discriminations.” (POLLAK, 1993, p. 22)

sistemáticas se perpetuando, enquanto outros sentem uma certa vergonha por fazer parte de um grupo que seria considerado, segundo o pensamento de Walter Benjamin como vencido em oposição aos vencedores da História.

Considerações finais

A nossa reflexão nos permitiu colocar em evidência o fato de que a procura de uma ancestralidade africana, que se apagou com o passar do tempo, na comunidade afro-brasileira, nunca é restituída na sua forma original. A emergência dessa identidade afro-brasileira se faz a partir da alteração dos antigos paradigmas culturais, vindos da África, adaptados, mudados, negociados conforme o contexto e a realidade experienciada. Assim, o resgate das memórias subterrâneas torna-se fundamental, pois ele será o ponto de partida da reconstrução da identidade de uma “nação deslocada”, sem esquecer que esta mesma nação foi deslocada à força.

O ressurgimento dessas memórias que se faz graças à literatura implica a sua reapropriação pela comunidade colocada nas margens da sociedade. Elas são readaptadas ao contexto cultural sincrético brasileiro. Desta maneira, esses elementos culturais africanos se incorporaram na cultura brasileira. Neste contexto, o desafio da literatura será o de servir de suporte para desenterrar as memórias subterrâneas apagadas no decorrer do tempo. A reescrita da história torna-se um ato fundamental, sendo que esta parece ser uma das perspectivas adotadas pela autora para a criação literária, ou seja, a literatura permitiria criar um espaço novo em que as memórias subterrâneas pudessem emergir.

Referências bibliográficas

- ASSMANN, J. *La mémoire culturelle*. Editions Flammarion. Paris: 2002.
- ATTIAS, J.-C. Postface en forme de brève apologie. In: LAITHIER, S.; VILMAIN, V. *L’histoire des minorités est-elle une histoire marginale ? Presses de l’Université Paris Sorbonne*, 2008.
- BENJAMIN, W. *Sur le concept de l’Histoire*. Paris: Payot, 2013.
- BERND, Z. Memória cultural. In: *Em torno da Memória: conceitos e relações*. Porto Alegre: Editora Letra 1, 2017.
- _____. *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2007.
- DE ASSIS DUARTE, E. O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo. *Revista Estudos Feministas*. v.14, n.1. Florianópolis: 2006.
- EVARISTO, C. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- GLISSANT, E. *Introduction à une poétique du divers*. Paris: Gallimard, 1997.

- HAMPATÉ-BÁ, A. Tradição Viva. In: *Introdução à Cultura Africana*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- LE DREFF, G. La construction de la notion de minorité par l'idéologie évolutionniste. In: LAITHIER, S.; VILMAIN, V. L'histoire des minorités est-elle une histoire marginale ? *Presses de l'Université Paris Sorbonne*, 2008.
- MIRCEA, E. *Aspects du mythe*. Paris: Folio, 1988.
- PALMERO GONZÁLEZ, E. Diáspora e memória. In: *Em torno da Memória: conceitos e relações*. Porto Alegre: Editora Letra 1, 2017.
- POLLAK, M. *Une identité blessée*. Paris: Editions Métailié, 1993.
- SOARES, L. *Memórias marginais/subterrâneas*. In: *Em torno da Memória: conceitos e relações*. Porto Alegre: Editora Letra 1, 2017.

Recebido em: 30/08/2018

Aceito em: 18/11/2018

Referência eletrônica: CHAMPGNAT, Pauline. Conceição Evaristo: A Reconstrução de uma Identidade Fragmentada em *Becos Da Memória*. *Criação & Crítica*, n. 22, p., dez. 2018. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.